



# XII COLOQUIO NACIONAL E V COLOQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

## DE TUPÃ A JESUS: A INFLUÊNCIA DO CRISTIANISMO NA ACULTURAÇÃO DOS GUAJAJARAS DA ALDEIA BACURIZINHO – GRAJAÚ/MA – (1970-2017).

Isabela Cristina Torres e Silva<sup>1</sup>  
Prof. Dr. José Rubens Mascarenhas de Almeida<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

O papel da religião na sociedade, segundo Karl Marx, é pautado nas ações muito mais materiais que metafísicas: o homem, em sua alienação – transferência de sua consciência para uma realidade fora de si – existencial produz e usa a religião como escape, de forma que “a religião não cria o homem, mas o homem cria a religião” (2010, p. 50).

Essa proposição se explicaria pelo fato de que o homem, ao ser explorado, criou tanto meios materiais (cultura) quanto metafísicos (religião), com a finalidade de responder às suas inquietações e suportar sua real miséria existencial. Nessa concepção, a religião é apresentada como reflexo das condições materiais de produção (tal qual o direito, a moral e a filosofia) e das demais formas de produção e reprodução do pensamento da classe dominante, para sustentar as relações de poder (ideologias).

Nessa perspectiva, as religiões cristãs (preponderantemente o protestantismo e o catolicismo) são consideradas meios de legitimação da exploração de classe social (dominada) sobre outra (dominante), de forma que a base material determina sua visão de realidade, as relações de exploração e, conseqüentemente, a religião.

Tais considerações acerca da religião, se fazem necessárias à melhor compreensão da história da conquista e colonização do Brasil e, no caso do nosso objeto, à aculturação dos Guajajaras/Tenetehara, como a relação branco-índio foi sendo construída (não apenas étnica, mas histórico-cultural) em meio ao papel desempenhado pelas religiões durante

1 Mestranda em Memória, Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; Graduada em Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa pela Faculdade Wenceslau Braz (FACIBRA); Docente do Instituto Federal, Campus Grajaú (IFMA). [isabela.silva@ifma.edu.br](mailto:isabela.silva@ifma.edu.br)

2 Orientador. Pós-doutor pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM); doutor em Ciências Sociais pela PUCSP; docente do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, ambos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Vitória da Conquista (PPGMLS/UESB); coordenador do GEILC/CNPQ e pesquisador do NEILS (Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais, PUCSP). [joserubensmascarenhas@yahoo.com.br](mailto:joserubensmascarenhas@yahoo.com.br)



todo esse processo.

Enquanto a Igreja tinha um papel “europeizador” – com todas as implicações que isto requer – dos ameríndios, o Estado assegurava a exploração das riquezas naturais encontradas no Novo Mundo. Nesse contexto, Igreja (Católica) e Estado (absolutista) se associaram na consecução do projeto colonizador. Assim, à Igreja coube o papel de força ideológica e coercitiva, o que lhe deu o papel, nessa combinação, de instituição responsável pelo controle, educação e sociabilidade dos indígenas nos primeiros anos.

Partindo desse entendimento, no qual a religião é uma manifestação ideológica, observa-se que, desde os remotos tempos nos quais o Brasil ainda colônia, o Cristianismo foi estabelecido nos territórios indígenas através de missões, essencialmente monoteístas, destruindo a cosmogonia original, desestruturando a ordem das coisas e relações existentes, negando a cultura ameríndia e, principalmente, destruindo a sua religiosidade e propagando uma nova concepção do mundo fundamentada na cultura cristã europeia. Essas missões eram, inicialmente, no século XVI, comandadas por integrantes da Companhia de Jesus, com o objetivo de evangelizar os povos indígenas através da pregação das tradições do cristianismo e do abandono das práticas consideradas pelos conquistadores/colonizadores como pagãs.

Em consequência da conquista e colonização do Brasil, contudo, acredita-se que muitas das narrativas dos mitos de origem e religião indígenas foram ressignificados com o tempo, como resultado do processo de aculturação que vem ocorrendo desde as primeiras interações branco-índio. Nessa perspectiva, o objeto de investigação aqui proposto é a aculturação dos índios Guajajaras/Tenetehara, etnia que se estabelece em diversas regiões do Maranhão e Pará, inclusive próximas à cidade de Grajaú – MA, onde a presença dos indígenas é permanente e forte, através da religiosidade cristã.

Levando em conta a noção de *ethos* indígena (costumes e traços comportamentais que distinguem um povo) (SCHADEN, 1969, p.12), o aspecto religioso é uma das formas essenciais de representação cultural. Exemplo disso encontra-se no mito formador dos Tenetehara/Guajajara: “no princípio, não havia distinção entre os homens e os animais – estes eram uma só coisa, os homens-animais. No entanto, *Maíra*, o Divino, os transformou em seres culturais” (GOMES, 2002, p. 54).

Por ser uma sociedade de tradição linguística predominantemente oral (embora já se trabalhe, no Brasil, a língua tupi-guarani na escrita), esta etnia vale-se da narrativa oral (processo no qual a memória exerce um importante papel) para compreender, transmitir sua experiência histórica e, por conseguinte, ser reconhecido como parte de uma etnia única, ou o ser “verdadeiro”, como sua autodenominação “Tenetehara” significa em tupi-



guarani.

Charles Wagley e Eduardo Galvão, autores de *Os índios Tenetehara*, obra publicada no ano de 1961, afirmam que “Apesar de mais de trezentos anos de exposição intermitente à influência de missionários, os Tenetehara mantêm praticamente inalteradas suas crenças tradicionais” (WAGLEY e GALVÃO, 1961, p. 105). Concordando em parte com estes autores, mas assumindo que houve alteração na vida dos Guajajaras pela interrelação com os não-índios, o também antropólogo brasileiro Mércio Gomes, em “O índio na História” (2002), afirma que, “os Tenetehara vivem essa vida indígena, autônoma, centrada em si mesma, mas não se iludem de que estão inseridos numa dinâmica político-cultural, a nação brasileira, muito mais potente e ameaçadora à sua integridade étnica do que jamais antes experimentaram” (GOMES, 2002, p. 586).

Assim sendo, o indígena Tenetehara sofre, ainda hoje, imposição cultural por parte da sociedade nacional, embora tente resistir à influência da cultura exógena (não indígena), herança advinda dos tempos coloniais, quando os europeus intentaram “civilizar” o índio, interferindo em sua vivência nos âmbitos político, econômico e religioso, tratando anular e oprimir a identificação étnica, forjando uma padronização cultural marcada por um modelo de sociedade nacional miscigenada.

A religião, como parte da cultura e sendo permeada por símbolos em suas mais variadas formas, analisada na sua totalidade, importando desde suas tradições e ritos, até a cultura material, pois, ao perquirir a força do cristianismo, na aldeia Bacurizinho, o pesquisador não deve se preocupar apenas

em categorizar e analisar um sistema de pensamento ou crença, nem em analisar uma forma ou sistema simbólico tomado em si mesmo. Ao contrário, deverá estar interessado em alguns dos que podem ser chamados de *usos sociais das formas simbólicas*. Estar interessado em se, em que medida e como (se for o caso) as formas simbólicas servem para estabelecer e sustentar relações de dominação nos contextos sociais em que elas são produzidas, transmitidas e recebidas (THOMPSON, 1995, p.18)

Disto infere-se que o processo de aculturação cumpre-se através das mais variadas esferas das relações sociais: políticas, econômicas, e também religiosas. No entanto, o problema que se pretende investigar nesta proposta é: como a cosmogonia indígena Guajajara da aldeia Bacurizinho foi influenciada pela presença do cristianismo, representado pelas igrejas católica e evangélicas, no que diz respeito à (re)construção e transmissão de memórias de suas manifestações religiosas, através das festas e narrativas



míticas? De que forma a inserção do cristianismo coopera para o surgimento de novos entendimentos sobre o sujeito em relação ao mundo?

## **METODOLOGIA**

Quanto aos aspectos teórico-metodológicos, esta pesquisa pretende-se qualitativa, observada à luz do materialismo histórico-dialético, por considerar-se que a religião deve ser relacionada com o objeto dentro de seu contexto sócio-histórico. Nesse sentido, entendemos que a dita história oral deve ser tratada como mais um dos objetos que compõem o fazer historiográfico, uma vez que o uso de fontes orais “facilita o estudo de atos e situações que a racionalidade de um momento histórico concreto impede que apareçam no documento escrito” (GARRIDO, 1993 p.36).

Intenta-se entender, através de pesquisas de campo e bibliográficas, questionários e observação participante, como o indígena da aldeia Bacurizinho assimila o processo de modificação paulatina de sua cultura através das práticas religiosas cristãs e de seu abandono, os novos símbolos, próprios do Cristianismo, inseridos na cultura Guajajara. Na tradição indígena Guajajara, a história oral permite ao sujeito que carrega a memória viva, tornar-se a própria memória da comunidade em que vive.

## **RESULTADOS**

A forte presença da evangelização na aldeia Bacurizinho se dá pelas igrejas evangélicas que lá se situam: duas igrejas de denominação Assembleia de Deus, em fase de construção, e uma Igreja de denominação Pentecostal Missionária. A Igreja católica não possui sede, mas algumas reuniões se dão na casa da Cacique Iara Lopes, ministradas pela Irmã Custódia, que adentrou a aldeia apresentando o trabalho da Pastoral da Criança, mas também atua como missionária do CIMI (Conselho Indígena Missionário). Na visão da missionária, o cristianismo deve ser pregado e o índio livre para dar os significados, respeitando sua cultura e práticas.

O que podemos observar é que o indígena, por vezes condicionado por sua situação educacional, não compreende as implicações do “ser cristão” e, por isso, acaba



adentrando as religiões cristãs, por seguirem amigos ou parentes, mas sem a rigidez da prática religiosa como se observa na cidade.

Observa-se, pelos resultados parciais, que os indígenas chegam a rejeitar o cristianismo que não “respeita” sua cultura e práticas. Também notamos que o esvaziamento de sentido religioso das pinturas corporais, sendo mantida por seu cunho cultural, é uma prática de ressignificação que denota o espírito de resistência que ainda persiste nos dias atuais.

Por este trabalho encontrar-se em andamento, as pesquisas de campo regulares que dão conta das respostas da problemática proposta ou ainda não foram aprofundadas e sistematizadas a fim de obtermos resultados mais estruturados ou mesmo completos.

## CONCLUSÃO

As cultura e religião europeias impostas aos ameríndios desde os processos de conquista e colonização impeliram os indígenas a se desfazerem de sua cosmogonia face o projeto colonizador. Nesse processo, o cristianismo provocou um grande impacto com o qual os indígenas deveriam lidar, delineando uma nova forma de cosmogonia. Os hábitos culturais foram inseridos aos poucos, havendo manipulação das formas simbólicas para mais fácil aceitação por parte dos dominados. Exemplo disso são as associações feitas entre o Deus cristão com figura de Tupã, o herói cultural indígena, ou mesmo as relações de semelhança entre os demônios da cosmogonia cristã com os maus espíritos da cultura religiosa Tenetehara.

Assim entendendo, o processo colonizador pôs em desvantagem o ameríndio, impondo novas construções de memórias religiosas, altamente ideologizadas, impondo a construção de uma memória calcada de sistemas simbólicos e concretos próprios do trabalho missionário no Maranhão.

**Palavras-chave:** Memória. Religião. Guajajara. Tenetehara. Aculturação.

## REFERÊNCIAS



SCHADEN, Egon. **Aculturação Indígena**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora da Universidade de São Paulo, 1969.

GARRIDO, Joan del Alcàzar i. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. In: **Revista Brasileira de História de São Paulo**, nº 25/26, p. 33-54, 1993.

GOMES, Mércio Pereira. **O índio na história**: o povo Tenetehara em busca de liberdade. Rio de Janeiro: Vozes. 2002.

MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução. In: **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. [2.ed revista]. São Paulo: Boitempo, 2010.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**: teoria social critica na era dos meios de comunicação em massa. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

WAGLEY, Charles; GALVÃO, Eduardo. **Os índios Tenetehara**: Uma cultura em transição. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura (MEC), 1961.